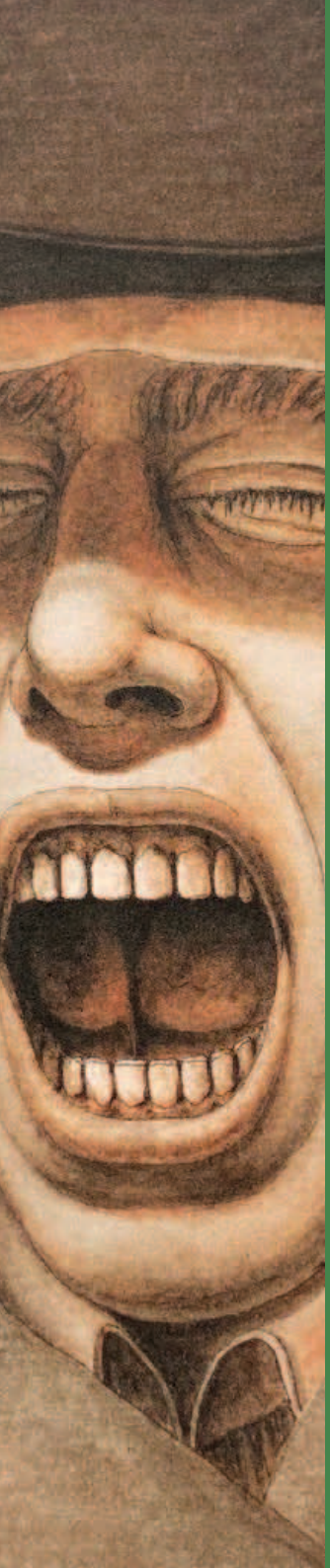

ICONOLOGIA [S]

2 Leituras

Angélica Oliveira Adverse
Beatriz Ferreira Pires
Daiana Schröpel
Debora Pazetto
Leonardo Motta Tavares
Luana Wedekin
Marina RB
Patricia Franca-Huchet
Rachel Cecília de Oliveira
Renata Pitombo Cidreira
Rizzia Rocha
Stéphane Huchet

ICONOLOGIA[S]
2 Leituras

Comitê Científico:
Patricia Franca-Huchet (org.)
Stéphane Huchet
Rizzia Rocha

PPGARTES UFMG
BEIT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo
08 a 12 de fevereiro de 2021

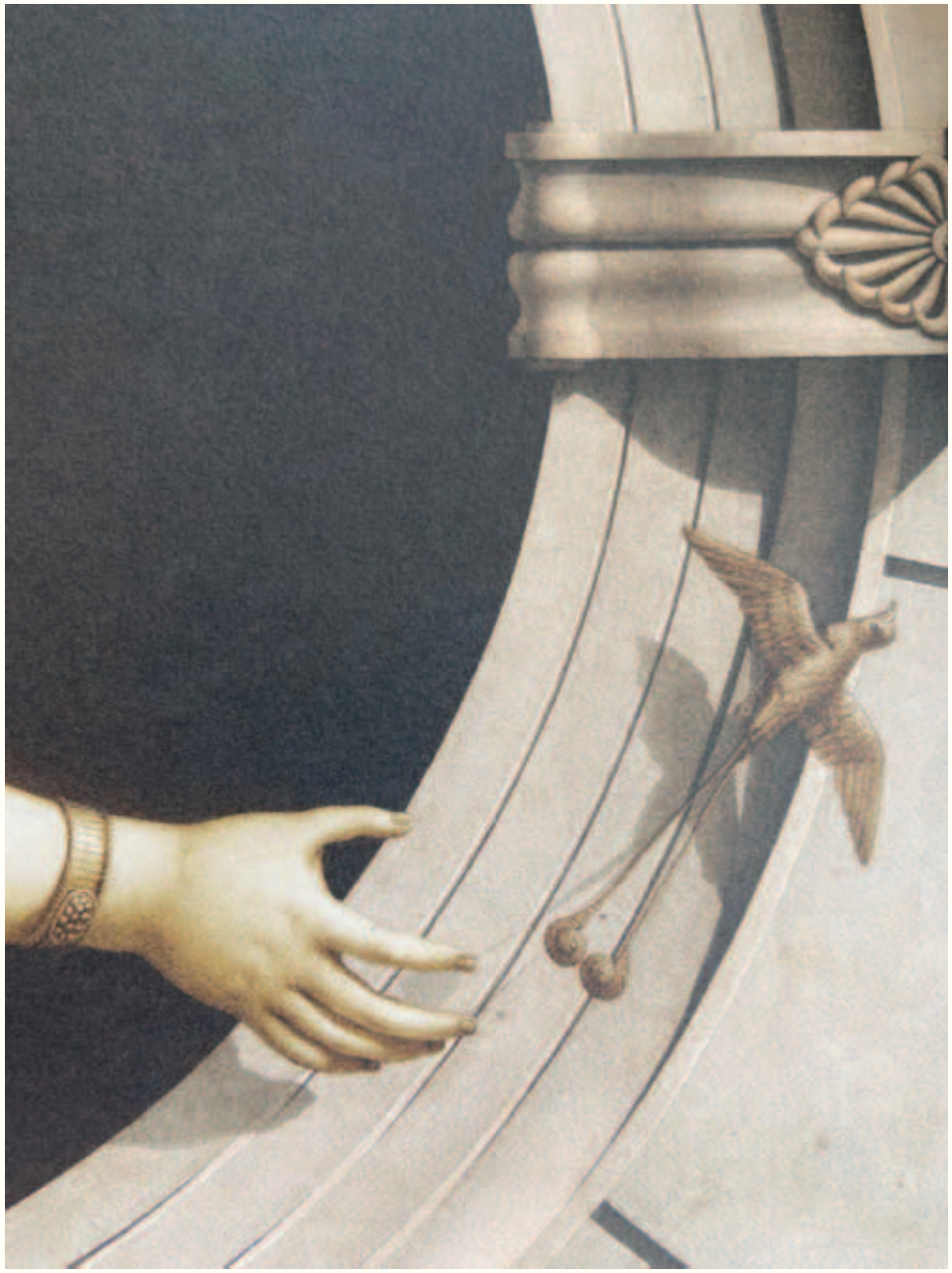

Imagem 2

PPGARTES UFMG

08 a 12 de fevereiro de 2021

Comitê Científico:

Patricia Franca-Huchet (org.)

Stéphane Huchet

Rizzia Rocha

Bureau de Estudos sobre a Imagem e o Tempo

bureau.estudos.imagem.tempo@gmail.com

Colóquio
Iconologia[s] 2: Leituras

A palavra "imagem" costuma conciliar, como tradução latina, o que a língua grega diferenciava. Quando lemos os filósofos antigos, encontramos, por exemplo, o ícone ou o ídolo. Ambos abrem nuances importantes. Mas a tradição latina, mediante o conceito menos valorizado de imago, traz também uma fundamental contribuição. Na época moderna a representação veiculou um vocabulário plural, que questiona a ilusão, a reprodução, a cópia, o retrato, os gêneros artísticos. Uma cristalização acontece depois da Renascença, quando a potência simbolizadora da arte motiva algumas formalizações e codificações. É a hora de nascimento da Iconologia. Hoje, não parece haver mais sentido em frequentar esses saberes antigos. Todavia, a fortuna crítica de um célebre alemão, que muitos gostam de opor a outro alemão — trata-se de Warburg e Panofsky — devolve uma certa atualidade à iconologia e iconografia, aos sopros do "logos" e pesos da "grafia".

Iconologias 2 se propõe pensar sobre essa oscilação. Ela caracteriza as imagens, sua vida, sua cena. Sua encenação. Científica. Sempre a fazer o pêndulo com o(s) texto(s); sempre a reelaborar o contrato tácito entre discurso e imagem. Iconologia 2 aposta na existência de uma pluralidade de práticas artísticas, mas também de disciplinas científicas que tomam a arte como foco de atenção, para pensar os vários agenciamentos que podem produzir uma imagem ou uma arte que algum sentido ilumina. São processos variados, variações sobre um tema.

O colóquio poderá olhar na direção da antropologia para encontrar a iconologia do símbolo; na direção da sociologia, para encontrar uma iconologia do gosto; da história, para uma iconologia dos poderes; da filosofia, para uma iconologia das ideias. Mas também, na direção do teatro, do cinema, da fotografia, para encontrar a iconologia das paixões, dos afetos; e na direção de todas as artes, para encontrar o binômio transcendental em que se inscreve a oscilação entre logos e grafia: Eros e Tanatos. Alegorias da existência.

Assim, a rica reciprocidade da arte e das disciplinas que a pensam alimenta uma dupla imagem: um saber espelha um fazer e vice-versa. A "iconologia", aqui, é a dos espelhamentos mútuos, troca de potências entre, novamente, logos e grafia...

Nesse sentido, o Colóquio propõe pensar a iconologia como ato, operação produtiva, dinamismo pensante, projeção de formas imaginativas em toda a extensão das artes e das disciplinas que se alimentam delas. Nelas, uma certa imaginação da imagem fala.

Programação

Dia 08/02

19:00 - Abertura

Stéphane Huchet

19:20

Stéphane Huchet & Patricia Franca-Huchet [UFMG]

Jean-Jacques Lequeu: construtor de fantasmas

20:15

Discussões

Dia 09/02

19:00

Luana Wedekin [UDESC]

Reflexões sobre a pathosformel da submissão: do Mitra tauróctono da Basílica de San Clemente al Laterano às imagens de violência racial contemporânea

19:40

Marina RB [Université Paris III]

A imagem como mundo possível

19:45

Discussões [debatedor Stéphane Huchet]

Dia 10/02

19:00

Beatriz Ferreira Pires [USP]

Digressões sobre corpo, cidade, imagem

19:40

Renata Pitombo Cidreira [UFRB]

Corporalidade & Reprodutibilidade nos Dispositivos Móveis

20:20

Angélica Oliveira Adverse [UFMG]

Iconografias da Moda na Arte: Dispositivos de Poder & Experiência Temporal

21:00

Discussões [debatedora Angélica Adverse]

Dia 11/02

19:00

Daiana Schröpel [UFRGS]

Descrever, citar, ficcionalizar: a construção de realidades possíveis entre documento e fabulação

19:40

Leonardo Motta Tavares [UNB]

O imaginado e o imaginável: por uma reconciliação da palavra e da imagem

20:30

Discussões [debatedora Patricia Franca-Huchet]

Dia 12/02

19:00

Debora Pazetto [UDESC]

Explícitas ou cifradas – a in/visibilidade lésbica nas artes visuais

19:40

Rachel Cecília de Oliveira [UFMG]

"O olho é o órgão de uma tradição visual": imagem e crítica descolonial

20:20

Rizzia Rocha [UFMG]

Uma imagem decide quanto à liberdade das pessoas que a observam?

20:30

Discussões [debatedora Rizzia Rocha]

Imagem 3

Resumos das apresentações

Angélica Oliveira Adverse

Iconografias da Moda na Arte: Dispositivos de Poder & Experiência Temporal

A apresentação pretende apresentar alguns aspectos da iconografia da moda sob a ótica da experiência na arte, analisando os dispositivos de poder e o tempo histórico. Pretende-se apresentar as experiências que constituem o homo faber, o homo spectator e o homo ludens. Esses três modelos constituem respectivamente as essências relacionadas à criação, à contemplação, à ética e à estética. Trata-se de pensar o surgimento do espectador, do criador e do performer como personagem essencial para a difusão das imagens relacionadas à moda na arte. Para tanto, propõe-se pensar como se constitui a narrativa mítica e histórica. Sobretudo, a partir da experiência da dupla distância, ao nosso ver, a principal responsável por legislar a autoridade canônica.

Beatriz Ferreira Pires

Digressões sobre corpo, cidade, imagem

Esta apresentação tratará de uma das possíveis relações entre corpo humano, espaço urbano e suas representações. Hoje mais que nunca, o corpo é confundido com sua imagem. Transfiguramo-nos em representações de nós mesmos. Como estampas, dotadas ou não de gestualidade e fala, capturadas por câmeras e veiculadas por telas digitais, passamos a nos relacionar com os outros e com o que nos é externo a partir de retângulos bidimensionais de diferentes dimensões, com luminosidades, contrastes e colorações ajustáveis. Reduzidos à representação bidimensional de nós mesmos e levados, pelas circunstâncias, a nos relacionamos com a representação bidimensional de nossos interlocutores, tomamos a imagem pelo corpo, a representação bidimensional pela estrutura física do organismo que ela reproduz.

Daiana Schröpel

Descrever, citar, ficcionalizar: a construção de realidades possíveis entre documento e fabulação

Práticas narrativas que se fundamentam na apropriação de repertórios verbo-visuais de naturezas e de origens diversas e que, por meio desse procedimento, produzem realidades ficcionais são significativas da produção artística contemporânea. Esse método não apenas elabora transversalidades entre campos disciplinares como também compreende os domínios do saber segundo um conjunto infinito de imagens, textos e discursos que compõem nosso tecido social e cultural e intermediam nossa relação com a realidade fatual. Em sua dimensão prospectiva, a arte joga com os interstícios potenciais entre o visível e o invisível, o dito e o latente, identificados nesses recursos que se encontram, assim, na iminência de serem reordenados e apresentados segundo formatos os mais diversos. Dentre estes interessam em particular os documentais, que podem operar não apenas como veículos da ficção, senão também como tensores da relação entre fato e fabulação, entre realidade e imaginação, em virtude do regime da evidência no qual se encontram inscritos. Nesse sentido, a indagação que orienta a presente proposta pode ser assim formulada: como construir um relato alterno, na forma de uma realidade possível, a partir de latências e de interstícios rastreados em imagens, textos e discursos? Esse entendimento será elaborado a partir de um estudo de caso específico: o processo de criação do trabalho poético Elena Landkraut no Brasil: a comemoração de um centenário (2018) — mostra rememorativa que (re)constitui a trajetória biográfica da figura ficcional que lhe dá título e caracterizada como uma projeção especulativa sobre o passado. O estudo se constituirá em interlocução com a poética do ficcionista W. G. Sebald e o aporte teórico de Carlo Ginzburg (2007) e Lynn Wolff (2014). A apresentação abordará os procedimentos da descrição e da citação associados à apropriação

e à ficcionalização de repertórios verbo-visuais, vinculados às práticas da historiografia e da ciência, bem como seus formatos representacionais, ao analisar de que modos eles viabilizam a concepção de realidades alternas segundo uma lógica de mundos possíveis. Para isso serão consideradas a construção formal e o desenvolvimento temático do trabalho mencionado. Tais instâncias endereçarão a problemática do documento como representação parcelar de um fenômeno, vinculada a valores correntes de autenticidade e de veracidade. Sob essa perspectiva, objetiva-se formular o entendimento de que o veículo documental possibilita o acesso à dada realidade precisamente mediante sua natureza fragmentária que comporta hiatos — nicho lacunar e de natureza ambígua com os quais opera a dimensão imaginária e especulativa da criação ficcional.

Debora Pazetto

Explícitas ou cifradas – a in/visibilidade lésbica nas artes visuais

A partir de um cruzamento entre teorias descoloniais latino-americanas, algumas vertentes do feminismo lésbico e as teorias queer, filtradas por uma perspectiva descolonial, discute-se as ausências e presenças de mulheres lésbicas na produção artística, como sujeito e tema, tendo como eixo condutor a representação imagética. O lesbianismo foi sistematicamente apagado nas imagens, narrativas históricas e contemporâneas, documentação e registros das identidades de artistas lésbicas. Como a representação artística, explícita ou cifrada, se opõe à destruição dessa memória e torna visível a existência lésbica?

Leonardo Motta Tavares

O imaginado e o imaginável: por uma reconciliação da palavra e da imagem

As relações entre palavra e imagem, nas poéticas da visualidade, implicam no entrelaçamento do ver e do ler. Tendo como ponto de confluência noções tradicionalmente consideradas antípodas, o trabalho híbrido verbovisual se situa em território fronteiriço ou de difusão de acepções, amálgama de práticas e propício ao tensionamento de estruturas. A zona em que o ler e o ver se tornam atividades interdependentes solicita do leitor / espectador uma postura de deslocamento no que diz respeito ao seu envolvimento com o lido / visto. Pode o espectador ser leitor de ficção diante das imagens? Pode o leitor de uma narrativa visualizar, por meio da composição espacial não-figurativa, eventos descritos, mas também metáforas contidas na estrutura visual? De que modo as especificidades da cor, da forma e da materialidade dos elementos dispostos em um trabalho artístico podem afetar um desenvolvimento narrativo? Estes elementos podem pertencer ao literário? A linguagem escrita, construída em forma de frase ficcional ou verso poético, pode figurar no trabalho de artes visuais como unidade ao mesmo tempo literária e plástica?

Como artista pesquisador das relações entre palavra e imagem, estes questionamentos me impelem a perscrutar as possibilidades de uma realidade comum para as faces do binômio visual / verbal. A partir de um trabalho com a palavra e com a narrativa literária nas artes visuais, tenho investigado o papel da imaginação na criação estético-poética. O lugar de difícil acercamento do imaginar indica que, na miscigenação do lido e do visto, compõem-se imagens outras, imagens mentais potencializadas tanto pelo que é gerado pelo ler quanto pelo que se erige do ver. Utilizando o modelo ideogrâmico como paralelo, as imagens da imaginação seriam imagens libertas do invólucro material, e para além de seus avatares (palavra e imagem), reivindicam indistinção categórica: seriam, comumente, forma e conteúdo, espaço e tempo. As imagens da imaginação escolheriam a erraticidade à conformação determinada, e por isto, poderiam ser compreendidas como elementos formadores de narrativas igualmente móveis, fluidas, que não se firmam em um formato e que não se orientam pela linearidade. A imagem da imaginação, livre dos regramentos e das taxionomias, é a imagem da utopia e do oximoro: pode avançar enquanto recua, lança luzes que escurecem territórios, é tempo sem âncora nas temporalidades e, por fim, é vazio preenchido de significados. Em seu "A Poética do devaneio", Gaston Bachelard (1988) observa que imaginar é ver, "numa outra visão". Esta investigação, portanto, volta-se para o trabalho verbovisual em busca dessa outra visão, e pergunta: a imagem da imaginação é, quando alimentada e impulsionada por relações poéticas e visuais, por si só, trabalho estético? Que arte se faz no imaginar do leitor / espectador?

Luana Wedekin

Reflexões sobre a pathosformel da submissão: do Mitra tauróctono da Basílica de San Clemente al Laterano às imagens de violência racial contemporânea

Uma pesquisa sobre as fontes iconográficas de Aby Warburg aponta os relevos do Mitra Tauróctono da Basílica de San Clemente al Laterano em Roma. Imagens similares compõem a Prancha 8 do Atlas Mnemosyne e revelam o pathosformel da submissão. Seguindo os traços da origem desta imagem com Fritz Saxl, observamos suas transformações até a contemporaneidade, quando aparece renovada nas imagens de violência racial e, paradoxalmente, nos protestos antirracistas.

Marina RB

A imagem como mundo possível

Essa comunicação pretende abordar a imagem fotográfica contemporânea pelo viés da teoria dos mundos possíveis visuais, desenvolvida ao longo de minha tese de doutorado. Para isso, apresento brevemente o universo teórico dos mundos possíveis – oriundo da lógica, da filosofia analítica e da semântica – para trazê-lo ao campo das artes visuais. A fim de mostrar uma outra via para o estudo da fotografia, diferente da tradição teórica calcada na imagem-traço, evoco a noção de imagem-ficção. Essa última é colocada em evidência para pensar uma imagem ativa, instaurada pelo *fingere*, que se auto-denuncia enquanto manipulada, permitindo ao espectador encontrar evidências de sua construção mundana e fictícia. Esse ato de imagem acaba por propagar uma multiplicação de mundos e por possibilitar mudanças cognitivas em relação às construções e mudanças que podemos realizar no nosso mundo dito real. Através da imagem, a história e o mundo dos fenômenos são matérias manipuláveis, e a compreensão disso abre vias para a construção de novos contextos na atualidade.

Rachel Cecília de Oliveira

"O olho é o órgão de uma tradição visual": imagem e crítica descolonial

A fala abordará o caráter opressor das políticas de visualidade formadoras do imaginário social brasileiro, partindo da hipótese de que nosso olhar, enquanto órgão de uma tradição visual, foi formado por meio de convenções que justificam as variadas formas de violência do colonialismo.

Renata Pitombo Cidreira

Corporalidade & Reprodutibilidade nos Dispositivos Móveis

Diante da corporalidade cotidiana e sua reprodutibilidade nos dispositivos móveis contemporâneos, a presente comunicação objetiva perceber como se efetivam narrativas performáticas através da moda e da imagem de moda, reforçadas pela mídia. Para tanto, faremos uma análise da marca Vêtements na plataforma Instagram. A observação contará com a contribuição de autores que refletem sobre performance e performatividade a exemplo de Richard Schechner (2013) e Paul Zumthor (2007); bem como se apoiará nas reflexões de Agamben (2008) sobre o gesto e Canevacci (1990) sobre o corpo na cultura visual. Na narrativa corporal da marca uma poética se destaca e a partir daí pertencimentos são tecidos e vínculos afetivos consolidados, promovendo uma experiência estética.

Rizzia Rocha

Uma imagem decide quanto à liberdade das pessoas que a observam?

O problema das imagens, desde o século XX, tem tomado uma dimensão cada vez mais ampla tanto na promoção do lucro da indústria do entretenimento quanto em seu uso político, hoje, predatório. Mesmo integrando os modos de vida dos seres humanos desde o início de sua história, o uso da representação para unidade e controle social é intensificado com o desenvolvimento técnico dos meios de comunicação. As imagens são "agora experienciadas e tratadas como elementos bem no centro da vida social" afirma Horst Bredekamp em *Teo-*

ria do ato icônico. Nesse contexto, as artes surgem como detratoras do controle político, estético, filosófico e religioso das imagens. Pensando a produção artística contemporânea, discutiremos o conflito do estatuto das imagens, segundo o qual, o conhecimento seguro é formado com o abandono do campo do sensível em contraposição à certeza de que as imagens não só estruturam o pensar, mas também determinam ação e sensação.

Stéphane Huchet & Patricia Franca-Huchet

Jean-Jacques Lequeu: construtor de fantasmas

A partir da admirável exposição de Jean-Jacques Lequeu [1757-1826], organizada pelo Petit Palais em Paris sob a direção de Laurent Baridon, Jean-Philippe Garric e Martial Guédron, ocorrida do 11 de dezembro de 2018 a 31 de março de 2019, mostraremos e discutiremos sobre o universo desse artista que é uma figura à parte na História da Arte. Artista interdisciplinar em seu tempo; desenhista, arquiteto, teórico, pintor e criador de ficções espaciais, dentre as quais compôs sua Arquitetura civil, um tratado inteiramente composto de desenhos no qual imagina uma viagem à Itália — que ele provavelmente jamais fez — a partir unicamente de leituras de narrativas de viagens. Lequeu parece ter tido a ambição de conferir aos seus magníficos desenhos uma dimensão literária ou narrativa que estava em sintonia com o desenvolvimento da literatura arquitetônica da segunda metade do século XVIII. Mostraremos sua dimensão erótica através de seus desenhos científicos e artísticos. E, segundo Annie Le Brun "por causa de seu desenho genial, tornando-o capaz de perceber, registrar e transcrever, tal como um sismógrafo, as novas forças como correntes subterrâneas que acordam, nele e para além dele, a convulsão histórica na qual foi levado a viver".

Imagem 4

Notas sobre os participantes

Angélica Adverse

Professora Adjunta da Escola de Belas Artes / UFMG e do PPGArtes / UEMG. Pesquisa os campos da Moda, Arte e Design, desenvolvendo estudos sobre História da Moda e Arte, Estética e Filosofia. Doutora e Mestra em Artes Visuais (EBA/UFMG). Residente pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História/UFMG.

Beatriz Ferreira Pires

Arquiteta, professora da Graduação e Pós-Graduação do Curso de Têxtil e Moda EACH/USP. Pós-Doutorado (bolsa FAPESP): SENAC/SP. Doutorado (bolsa FAPESP): FE/UNICAMP. Mestrado (bolsa CNPq): IA/UNICAMP. Livros: *O Corpo como Suporte da Arte*. SENAC, 2005; *Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades*. Annablume/FAPESP, 2009.

Daiana Schröpel

Artista visual e pesquisadora. Doutora (2020), Mestra (2016) e Bacharela (2013) em Artes Visuais com ênfase em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde integrou o grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq). Investiga transversalidades entre artes visuais, imaginário científico e ficção, seus veículos e desdobramentos na contemporaneidade.

Debora Pazetto

Professora de história e teoria da arte na UDESC, no curso de Artes Visuais e no PPGAV: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. É graduada em Artes Visuais e em Filosofia, tem mestrado e doutorado em Filosofia da Arte. Faz parte do GT de Estética da ANPOF, integrou a diretoria da ABRE: Associação Brasileira de Estética por dois mandatos, co-organizou duas edições do Congresso Internacional de Estética, publicou diversos artigos científicos, capítulos de livro e traduções na área. Atualmente, coordena o GUARÁ: Grupos de Pesquisas Descoloniais em Arte Contemporânea (CNPq), que analisa a produção artística brasileira pelo viés dos feminismos queer e das teorias descoloniais latino-americanas.

Leonardo Motta Tavares

Doutor em Artes Visuais (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília: PPGAV/UNB. Mestre em Arte pela mesma instituição (2015). Realiza exposições como artista visual. Como escritor publicou os livros de contos: *Os doentes em torno da Caixa de Mesmer* (Modelo de Nuvem, 2014) e *Ruibarbo do deserto* (Patuá, 2019). Pesquisa as relações entre palavra e imagem, artes visuais e literatura.

Luana Wedekin

Professora do Departamento de Design e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, em Florianópolis/SC. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte, da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e da Associação brasileira de Críticos de Arte. Pesquisas atuais confluem para a epistemologia da história da arte.

Marina RB

[Belo Horizonte, 1989] Artista visual e pesquisadora. Suas investigações práticas e teóricas privilegiam a capacidade de fabricação de mundos que as imagens possuem quando exploram situações contrafactuais da dita realidade do mundo vivido. É doutora pela Université Sorbonne-Nouvelle Paris 3 (2019), mestra e bacharela pela Escola de Belas Artes da UFMG (2015 e 2011, respectivamente).

Patricia Franca-Huchet

Artista e pesquisadora. Professora do PPGArtes da UFMG. Doctorat e Master pela Université de Paris I | Sorbonne. Master 1 pela Université de Paris VIII. Pós-doutorado pela Université de Paris III e EHESS. Trabalha sobre a imagem [literária e fotográfica] focalizando seu interesse pela reconstrução crítica da tradição pictural. Divide as suas atividades entre o ensino, pesquisa, apresentações orais de trabalho, publicações, edições, curadoria de eventos e exposições. Coordena o Grupo de Pesquisa Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

Rachel Cecilia de Oliveira

Professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. Trabalha nas interseções entre filosofia, teoria e história das artes com ênfase no pensamento descolonial. Atua como crítica e curadora.

Renata Pitombo Cidreira

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, com pós-doutorado em sociologia pela Université René Descartes (Paris V/Sorbonne). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Atua no POSCOM, da UFRB e no Pós-Cultura, da UFBA. Autora dos livros *Os Sentidos da Moda* (Annablume, 2005) e *A Sagração da Aparência* (EDUFBA, 2011) entre outros.

Rízzia Rocha

Doutora em filosofia pela UFMG, com estágio doutoral na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa "A crítica como elemento poético na produção artística contemporânea" em residência pós-doutoral (PNPD/CAPES) na Escola de Belas Artes da UFMG, onde também é professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Artes.

Stéphane Huchet

Professor Titular da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do CNPq. Publicou os livros *Le tableau du monde*, Paris: L'Harmattan (1999); *Castaño. Situação da pintura*, Belo Horizonte: C/Arte, 2006; *Intenções espaciais*, Belo Horizonte: C/Arte, 2012; e uma coletânea intitulada *Fragmentos de uma Teoria da arte*, São Paulo: Edusp, 2012. Publicou também vários artigos, no Brasil e na França. É membro do Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

Imagem 5

Imagem 6

Referências das imagens:

As imagens aqui apresentadas foram retiradas do catálogo da exposição *Jean-Jacques Lequeu Bâtisseur de Fantasmes* (Jean-Jacques Lequeu Construtor de Fantasias) organizada pelo Petit Palais: Musée des Beaux-Arts de la Ville de Paris e Bibliothèque Nationale de Nationale de France, do 11 dezembro 2018 ao 31 março 2019. Edições: Bibliothèque Nationale de France/Edição Norma, 2018.

1. Jean-Jacques Lequeu
Le grand Baailleur (O grande bocejador)
Lavis brun 34,4 X 23,4 cm
sem data
Coleção da Bibliothèque Nationale de France

2. Jean-Jacques Lequeu
Detalhe do desenho Il est libre (Ele é livre)
Lavis brun 31,5 X 43 CM
sem data
Coleção da Bibliothèque Nationale de France

3. Étienne-Louis Boullée
Élévation d'un fanal monumental (Elevação de uma lanterna de fogo monumental)
entre 1781-1793
62 x 40 cm.

4. Étude de nu féminin em 3/4 (Detalhe de Estudo de nu feminino em 3/4)
Lavis brun 52,5 x 28,1 cm
sem data
Coleção da Bibliothèque Nationale de France

5. Projet de Palais Impérial (detalhe do Projeto de um Palácio Imperial)
46 x 69 cm
1807
Coleção da Bibliothèque Nationale de France

6. Le borgne grimacier (O caolho careteiro)
Lavis Brun 34,4 X 22,9 cm
Coleção da Bibliothèque Nationale de France